

nara roesler

angelo venosa



angelo venosa

n. 1954, São Paulo, Brasil

m. 2022, Rio de Janeiro, Brasil

No início da década de 1970, Angelo Venosa frequentou a Escola Brasil, espaço experimental de ensino de arte. Em 1974 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou na Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI). Na década de 1980 assiste a cursos livres na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, epicentro da chamada “Geração 80”. Venosa se distingue de boa parte dos artistas de sua geração, marcada pela retomada da pintura, por ter se dedicado à escultura. Seus trabalhos em madeira, envoltos por tecido, resina e fibra de vidro, ou compostos por cera de abelha e dentes, evocam volumes incomuns, fundando uma temporalidade ambígua, emanando referências a eras ancestrais. Essa sensação se amplia pela tensão entre as formas e os materiais empregados.

Como sintetiza o crítico Lorenzo Mammi: “Ainda mais adequado, talvez, para comentar essas obras, seja um trecho de A montanha mágica, de Thomas Mann: ‘O que era, então, a vida?... era uma febre da matéria... Não era nem matéria nem espírito. Era qualquer coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda-d’água, e igual à chama. Mas, se bem não fosse material, era sensual até a volúpia e até o asco.’

“A precisão técnica da análise e o prazer artesanal da construção, sempre presentes nos trabalhos de Venosa, concorrem para construir não um objeto, mas um corpo, com todas as ressonâncias de alheamento e ameaça que esse termo possa ter. A mosca acaba incorporando a máquina, ou vice versa, no entanto, no resultado final, a vida permanece como um ruído surdo, irreduzível, inquietante.”

capa vista da exposição, *Quasi*, 2021, Nara Roesler Rio de Janeiro, Brasil

clique aqui para ver cv completo

seleção de obras públicas

Angelo Venosa: Escultor, Casa Roberto Marinho, Rio de Janeiro, Brasil (2023)

Ghabaah, Circuito de Arte Contemporânea do Museu do Açu, Fundação Castro Maya, Rio de Janeiro, Brasil (2016)

Sem título (2005), Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

Sem título, Parque José Ermínio de Moraes, Curitiba, Brasil (2005)

Sem título, Parque da Luz, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2000)

O Aleph, Sant’Ana do Livramento, Brasil (1999)

Sem título, Jardim do Ibirapuera, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil (1999)

Sem título (Baleia), Praça Mauá, Rio de Janeiro, Brasil (1990), transferida para a Praia do Leme, Rio de Janeiro, Brasil (1998)

seleção de bienais

5ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil (2005)

45ª Bienal de Veneza, Veneza, Itália (1993)

19ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (1987)

seleção de exposições individuais

Projeto *Clareira*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2021)

Quasi, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2021)

Decompor. Compor, Galeria Candido Portinari, Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil (2019)

Catilina, Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil (2019)

Penumbra, Memorial Vale, Belo Horizonte, Brasil; Museu Vale, Vila Velha, Brasil (2018)

Angelo Venosa: Panorama, Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (MAMAM), Recife, Brasil (2014)

Angelo Venosa: Panorama, Palácio das Artes, Belo Horizonte, Brasil (2014)

Angelo Venosa: Panorama, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)

Angelo Venosa: Panorama, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)

Turdus, Casa de Cultura Laura Alvim, Rio de Janeiro, Brasil (2009)

seleção de exposições coletivas

Bestiário, Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil (2017)

Em polvorosa – Um panorama das coleções do MAM Rio, Museu de Arte de Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2016)

30x Bienal: *Transformações na arte brasileira*, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013)

From the Margin to the Edge: Brazilian Art and Design in the 21st Century (Da Margem para o Limiar: Arte e Design Brasileiros no Século 21), Sommerset House, Londres, Reino Unido (2012)

O tridimensional no acervo do MAC: Uma antologia, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2012)

Paralelos: arte brasileira da segunda metade do séc. XX em contexto, Colección Cisneros, Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil ; Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2002)

Modernidade, art brésilien du 20e siècle (Modernidade: Arte

brasileira do século xx), Musée d'Art Moderne de La Ville de Paris, Paris, França (1987)

seleção de coleções institucionais

Centro Cultural São Paulo (CCSP), São Paulo, Brasil

Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil

Instituto Figueiredo Ferraz (IFF), Ribeirão Preto, Brasil

Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (MNCARS), Madri, Espanha

Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

Museu Nacional de Belas Artes (MNBA) Rio de Janeiro; Brasil

Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil

Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Porto Alegre, Brasil

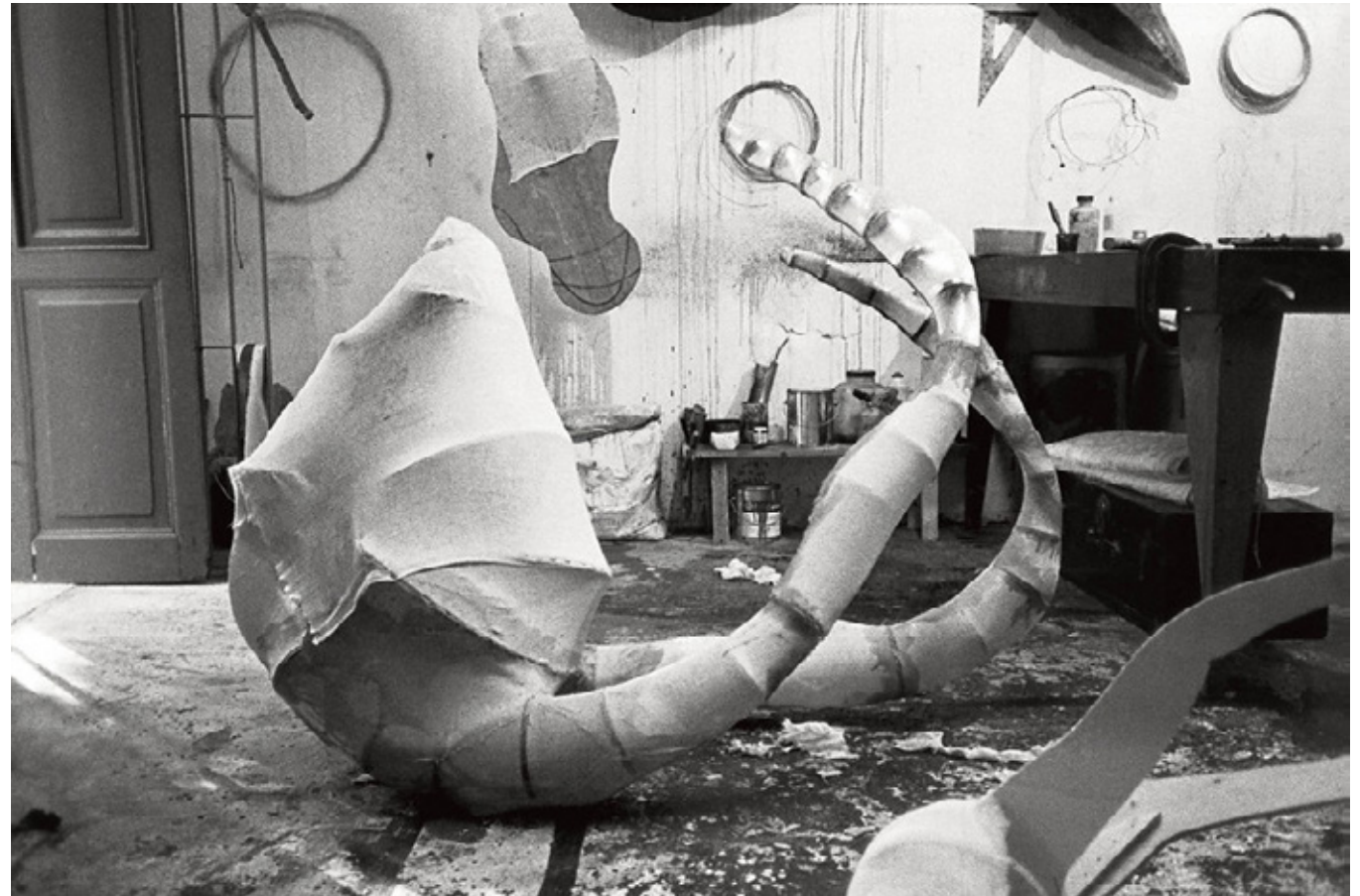
Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

5	início da carreira
20	década de 1990
28	escala pública
34	anos 2000
51	prática recente

início da carreira

“Surge então um tempo imobilizado, do fóssil, do pré-histórico, espantoso e irreconhecível. Algo que se esconde e se revela através de camadas e camadas – Angelo trabalha através de camadas – num processo que se assemelha a escavações ao contrário. Escavações que, por reconstrução, nos apresentam formas incongruentes, inusitadas, que não chegam a ser irracionais, mas que obedecem a lógica do trabalho arcaico, do tempo milenar da natureza, da corrosão geológica. São seres imemoriais, monstros atuais, prontos a retornar de uma existência esquecida, prestes a se mover, a realizar o primeiro passo em direção à vida. O estranho familiar do primeiro encontro com a matéria.”

Paulo Venâncio Filho, crítico de arte e curador.



Atelier da Lapa, 1985
Escultura em progresso
Rua Silvío Romero
Rio de Janeiro, Brasil

→
vista da exposição
Panorama, 2013
Pinacoteca do Estado de São Paulo,
São Paulo, Brasil



Sem título, 1988
madeira, fibra de vidro e chumbo
70 × 180 × 70 cm
Ateliê da Lapa, 1988
Rua Sílvio Romero,
Rio de Janeiro, Brasil

→
Sem título, 1989
madeira, fibra de vidro e galho
124 × 459 × 37 cm
vista da exposição
Panorama, 2013
Pinacoteca do Estado de São Paulo,
São Paulo, Brasil





“Sua arte não se recusa a imitar a natureza, como a maioria das estéticas desse século, nem reduz a natureza a um sistema de signos, a uma imagem ou a um estímulo perceptivo, como as correntes realistas e neo-figurativas. Simulando procedimentos orgânicos repete a relação de esqueleto e pele, osso e cartilagem, matérias fluidas e coaguladas. Pondo-se não à frente, mas atrás da natureza, como se esta fosse produzida por seu gesto, o artista assume literalmente o papel de criador.”
Lorenzo Mammi, crítico de arte.



←
Sem título, 1987
madeira e fibra de vidro
121 x 450 x 143 cm

Ateliê da Lapa, 1985
Rua Sílvio Romero
Rio de Janeiro, Brasil



Sem título, 1986
madeira, tecido, gesso e pintura
260 x 80 x 80 cm



vista da exposição
Panorama, 2013
Pinacoteca do Estado de São Paulo,
São Paulo, Brasil





←

Sem título, 1985
madeira, tecido, gesso e pintura
80 × 220 × 60 cm

vista da exposição
Centro Empresarial Rio, 1985
Rio de Janeiro, Brasil



Sem título, 1985
gesso, madeira e tecido
218 x 64 x 82 cm



Sem título, 1989
madeira, fibra de vidro e talco
235 x 125 x 20 cm



Sem título, 1989
fibra de vidro e madeira
165 x 130 x 20 cm





←
vista da exposição
Panorama, 2012
Museu de Arte Moderna
do Rio de Janeiro (MAM Rio),
Rio de Janeiro, Brasil

vista da exposição
Panorama, 2012
Museu de Arte Moderna
do Rio de Janeiro (MAM Rio),
Rio de Janeiro, Brasil



Sem título, 2012
chapa de alumínio composto
225 × 200 × 200 cm
vista da exposição
Panorama, 2012
Museu de Arte Moderna
do Rio de Janeiro (MAM Rio),
Rio de Janeiro, Brasil

década de 1990

Na década de 1990, as relações entre forma abstrata e a pesquisa com a matéria torna-se determinante na prática de Angelo Venosa. As características dos variados materiais empregados- cera de abelha, dentes de boi, ossos, madeira e vidro, entre outros- aparecem como modos de abordar o orgânico em conjunto com a tradição escultórica, a partir do desenvolvimento de um vocabulário singular.

“Parecem fragmentos de corpos: carcaças, crânios, esqueletos, vértebras e dentes. São vestígios de seres assombrosos, excêntricos e estranhos, mas também suas imagens seccionadas, sua anatomia examinada. O espaço expositivo assemelha-se assim a um sítio paleontológico ou ao laboratório de um patologista.”

Marisa Flório, crítica de arte e curadora.

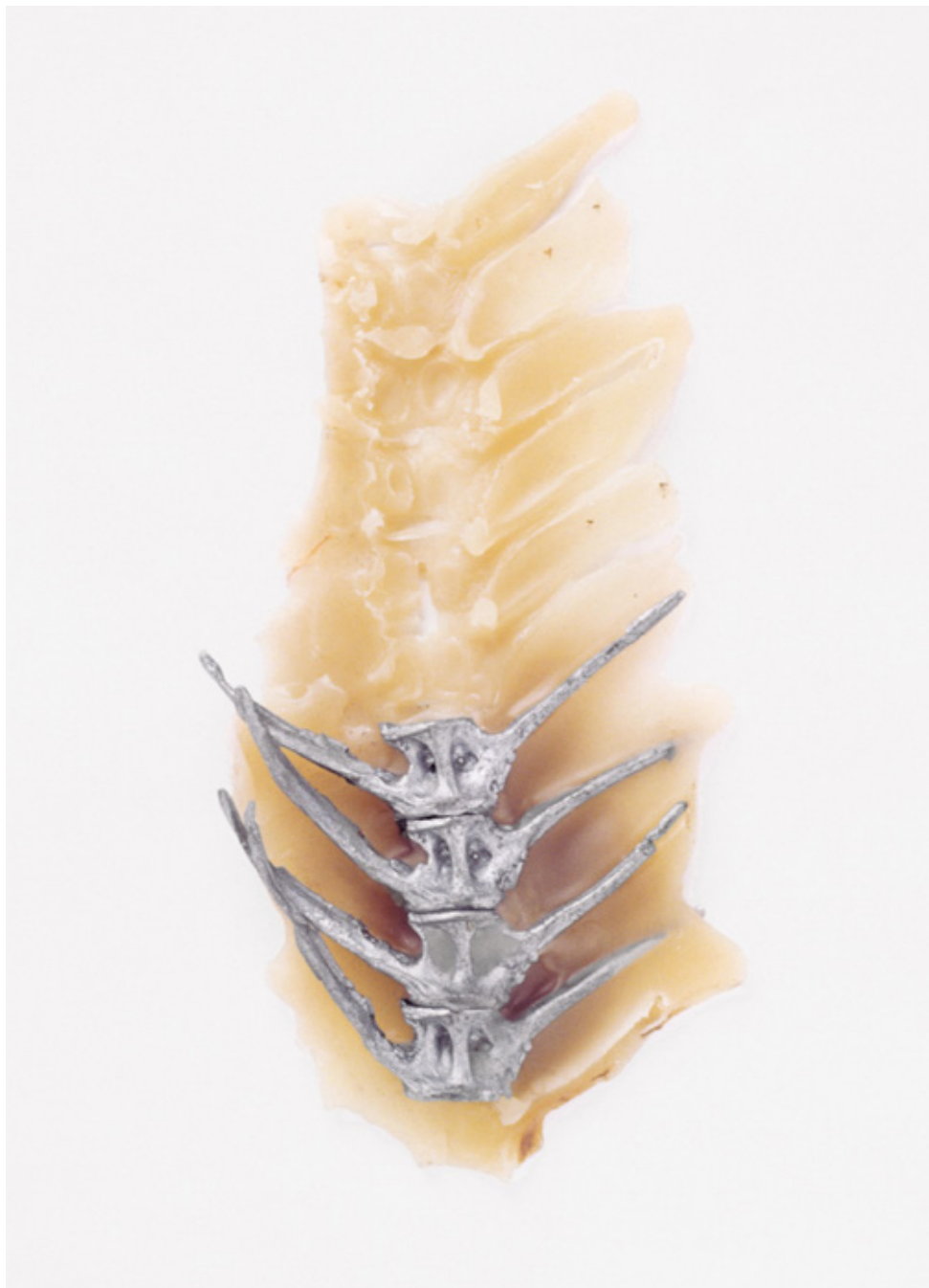
Sem título, 1993
cera e dentes de boi
64 x 6 cm



Sem título, 1992
parafina, pigmento e dentes
21 x 24,5 x 3,5 cm

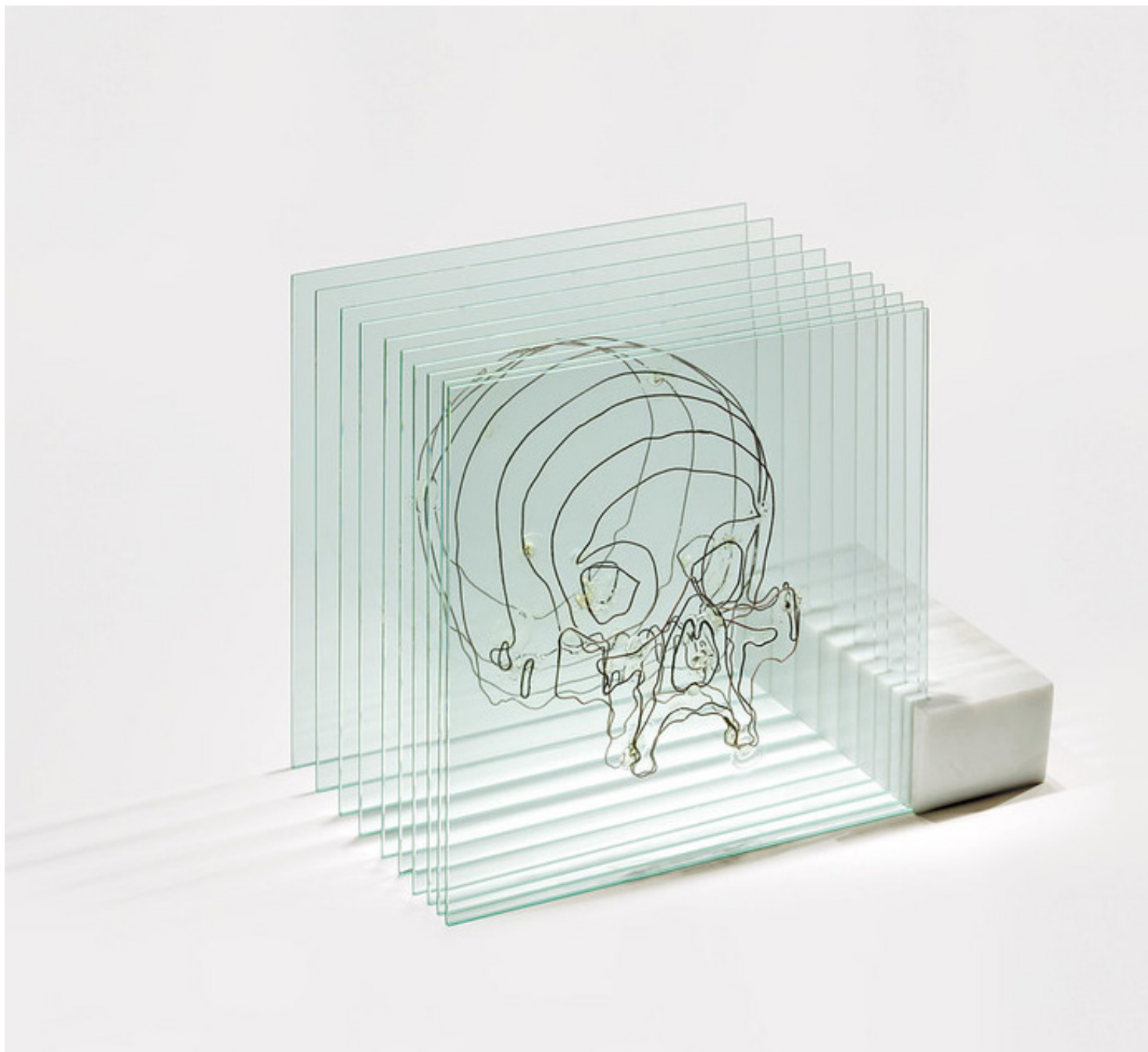


Sem título, 1992
chumbo e cera
21 x 24 x 3 cm



“Essa tensão, entre rastros corporais contraditórios, não se figuraria, porém, apenas ao longo do conjunto da obra de Venosa, mas estruturaria, ainda, de modo particular, trabalhos isolados e momentos distintos. Daí Ronaldo Brito falar em “fósseis vivos” com relação às peças dos anos 80 e Lorenzo Mammi chamar a atenção, nas de começos dos anos 90, para a dominância de “elementos em que o ser vivo se confunde com a coisa inanimada”. Flora Sussekind, crítica e ensaísta.

Sem título, 1993
parafina e chumbo
25 x 10 x 3 cm



Sem título, 1997
mármore, vidro,
arame e breu
30 x 45 x 25 cm



Sem título [detalhe], 1997
mármore, vidro,
arame e breu
30 x 45 x 25 cm

Sem título, 1997
vidro e sal
140 × 60 × 120 cm
vista da exposição
Panorama, 2012
Museu de Arte Moderna
do Rio de Janeiro (MAM Rio),
Rio de Janeiro, Brasil





Sem título [Maria], 1999
fotografias em lâminas de vidro
160 x 120 cm

escala pública

Em peças desenvolvidas para instalação em espaços públicos, em diálogo com a paisagem urbana, tal como *Baleia* (1989), atualmente na praia do Leme, chama a atenção o manejo que o artista fez do aço corten. Esta matéria-prima importante para trabalhos de gerações anteriores de escultores, ganhou, com Venosa, novas possibilidades de sentido. Na obra do artista o material é atravessado pela memória de uma imagem figurativa. Esse corpo, insinuado, apreendido a partir de fatias ou pedaços é reforçado pela oxidação do aço corten se aproximando metaforicamente de uma pele.

Para o curador Paulo Venâncio Filho, essa escultura é uma “... das poucas a enfrentar sem timidez a amplitude do espaço urbano. Não por acaso aquela que está na cidade, ao ar livre, na praia do Leme, se chama *Baleia* [título atribuído] – o maior dos corpos vivos e dos animais vertebrados. E me parece mais que metafórico que esteja ali entre o mar e a cidade, não porque seja baleia, mas por ser uma intromissão que lembra a presença do orgânico e do arcaico na virtualidade contemporânea e que é a poética própria do trabalho.”

Sem título (*Baleia*), 1990
aço corten
360 x 660 x 225 cm
Praia do Leme,
Rio de Janeiro, Brasil

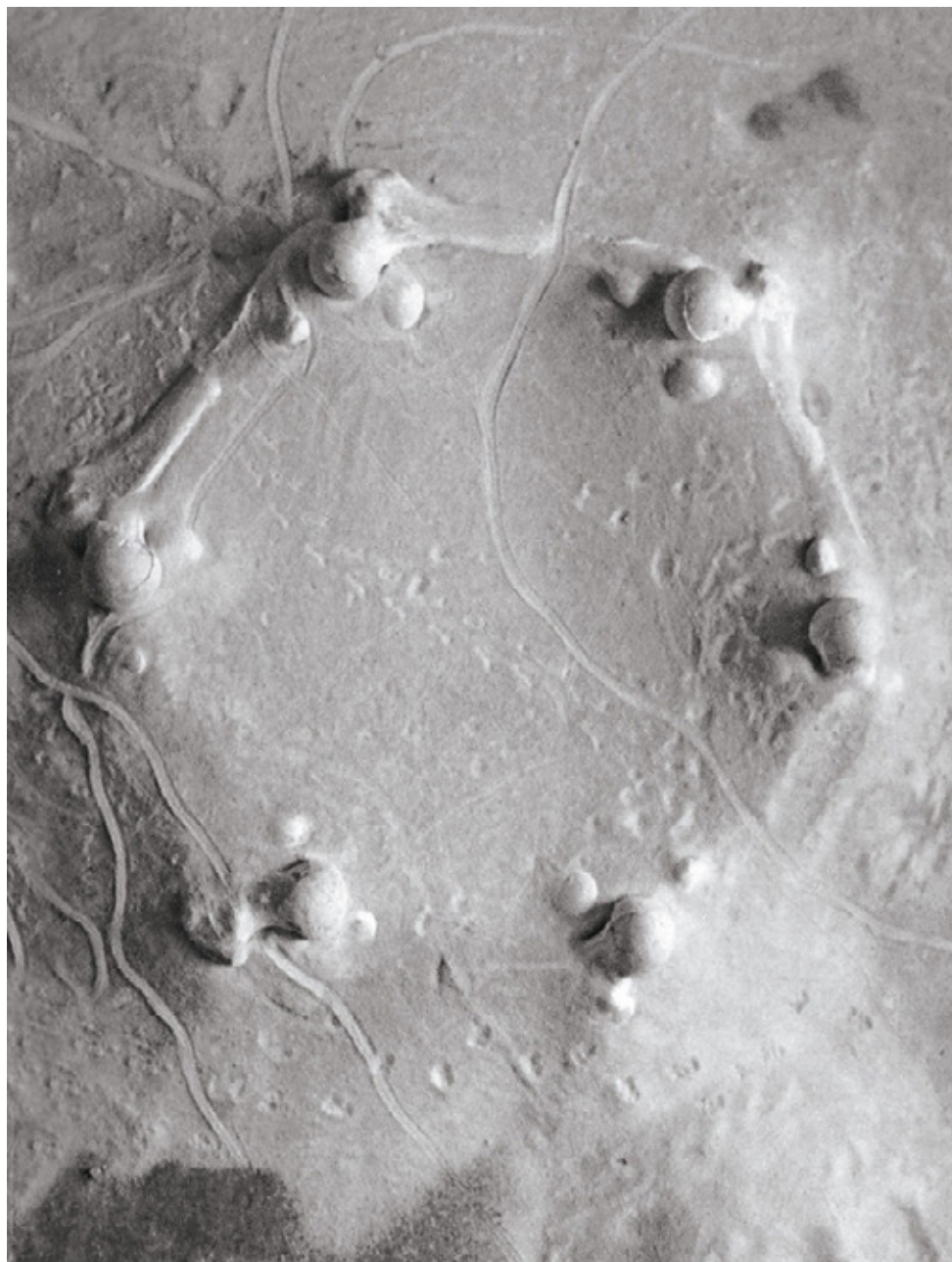




Sem título (Baleia), 1990
aço corten
360 × 660 × 225 cm
Praia do Leme,
Rio de Janeiro, Brasil

Sem título, c. 1995
estudo
ossos sob areia
(projeto para obra pública)

→
Sem título, 1997
alumínio fundido
400 x 65 cm
Parque do Ibirapuera,
Museu de Arte Moderna
de São Paulo (MAM-SP),
São Paulo, Brasil





Sem título [detalhe], 1997
alumínio fundido
400 × 65 cm
Parque do Ibirapuera,
Museu de Arte Moderna
de São Paulo (MAM-SP),
São Paulo, Brasil

→
Ghabaah, 2016
epóxi cerâmico
260 × 220 × 220 cm
Circuito de Arte Contemporânea
do Museu do Açu
do Rio de Janeiro, Brasil





anos 2000

“Os trabalhos realizados nesse período unem dois pólos. Em primeiro lugar porque mostram novamente as camadas – as fatias digitais do cérebro humano – embora elas tenham sido achatadas pelo artista num único plano. E também porque a escolha dos dois materiais – de um lado o ferro, sujeito ao “apodrecimento” do tempo; de outro, o imutável alumínio – aponta mais uma vez para a tentativa de equilíbrio entre o caos e a ordem, sempre perseguida pelo artista.”

Daniela Name, curadora.

Sem título, 2006
aço corten
238 × 117 × 0,3 cm

→
Sem título [detalhe], 2006
aço corten
238 × 117 × 0,3 cm

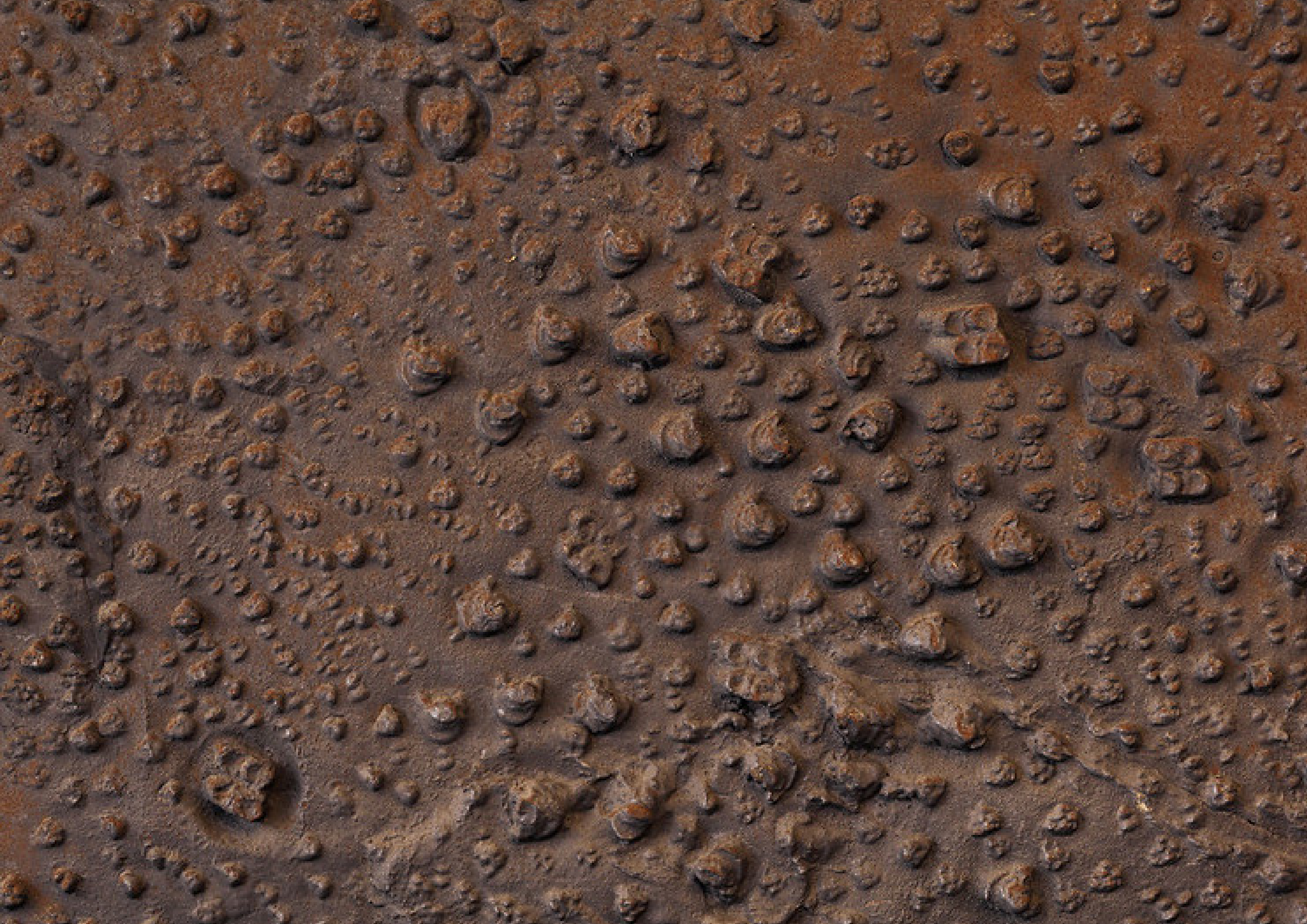






Sem título, 1994
aço corten
158 × 94 × 0,3 cm

→
Sem título [detalhe], 1994
aço corten
158 × 94 × 0,3 cm

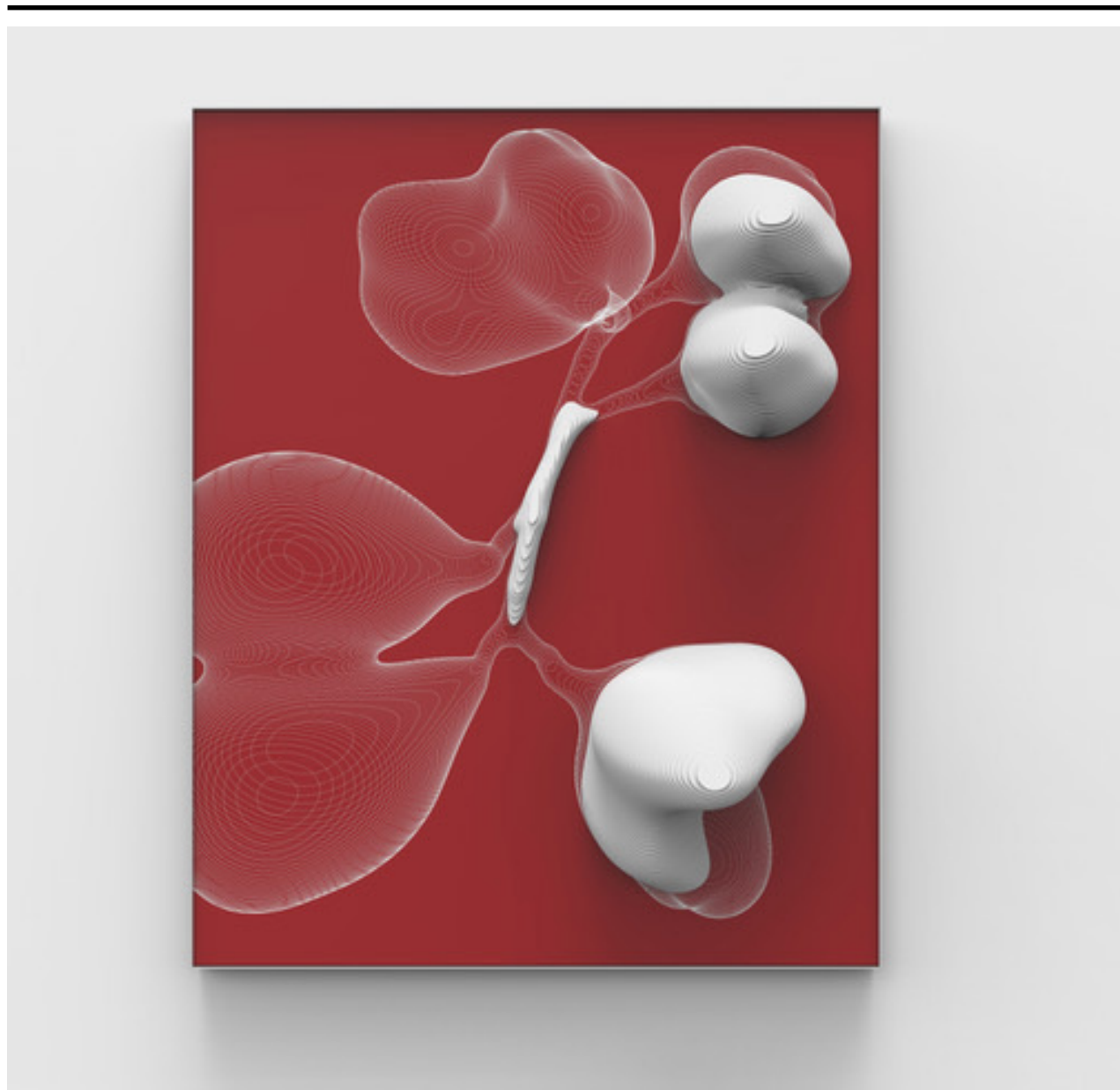




Sem título, 2021
aço corten
74 x 120 x 197 cm

“O volume é recortado em planos virtualmente infinitos e reduzido a um único plano. Esse plano, então, superposto a si mesmo por um número indefinido de vezes, gera outro volume. O que chama a atenção, nesse caso, é que o resultado continua proporcionando a impressão de uma forma orgânica: como se o que faz de um objeto um organismo não fosse uma determinada disposição reconhecível de suas partes, mas uma qualidade intrínseca a cada ponto, independente de sua ordem e disposição.”

Lorenzo Mammi, crítico de arte.



Sem título, 2018
metacrílico, ACM e impressão UV
148 × 120 × 35 cm

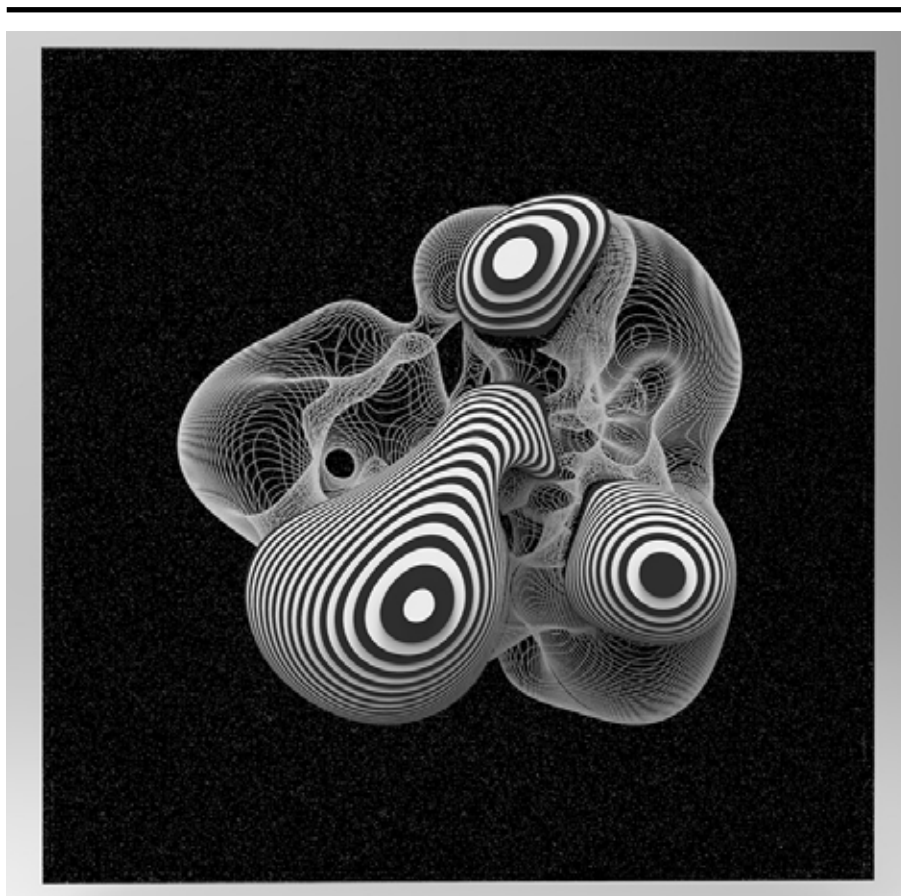


“Expandindo-se e contraindo-se, tal como os organismos de outrora. A estranheza anterior da forma é substituída por um fascínio pela superfície, e desponta uma nova e inusitada dissintonia visual entre volume e superfície. Mantém-se, entretanto, alguma semelhança com as curvas de nível, simulando camadas geológicas distintas, porém sem mais formarem aquela estrutura corpórea tão evidente dos vertebrados. Ao explorar a visualidade do corpo, a escultura faz-se menos sugestiva, mais ativa, projeta-se ao invés de se interiorizar como antes, abre-se qual uma espécie de simulação de paisagem natural ou paisagem alterada artificialmente, criando uma arquitetura do invólucro, que se expande sinuosa e pulsante – metamorfoses do corpo.”
Paulo Venâncio Filho, crítico de arte e curador.

Sem título, 2015
metacrilato
50 × 44 × 27 cm

→
Sem título [detalhe], 2015
metacrilato
50 × 44 × 27 cm



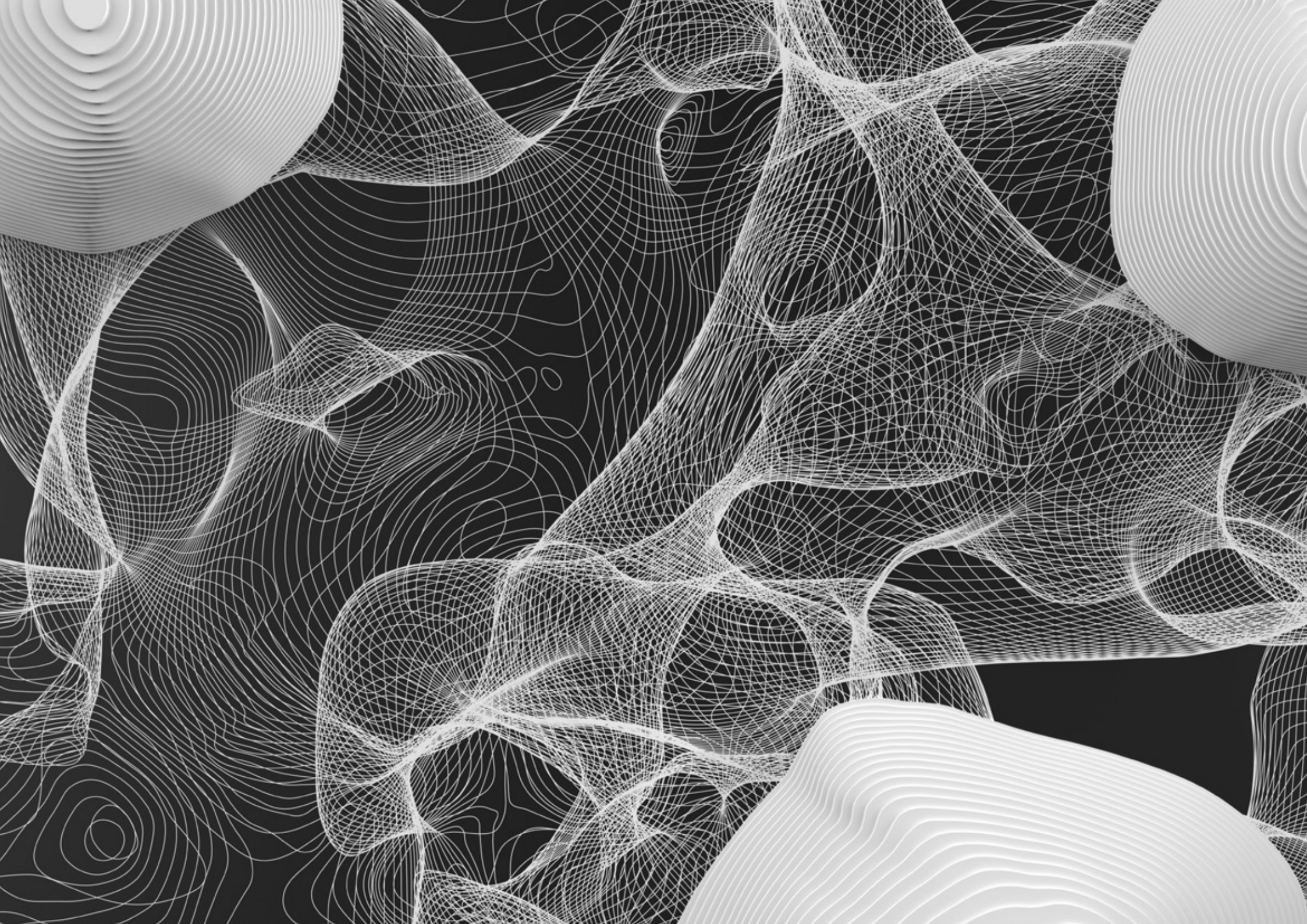


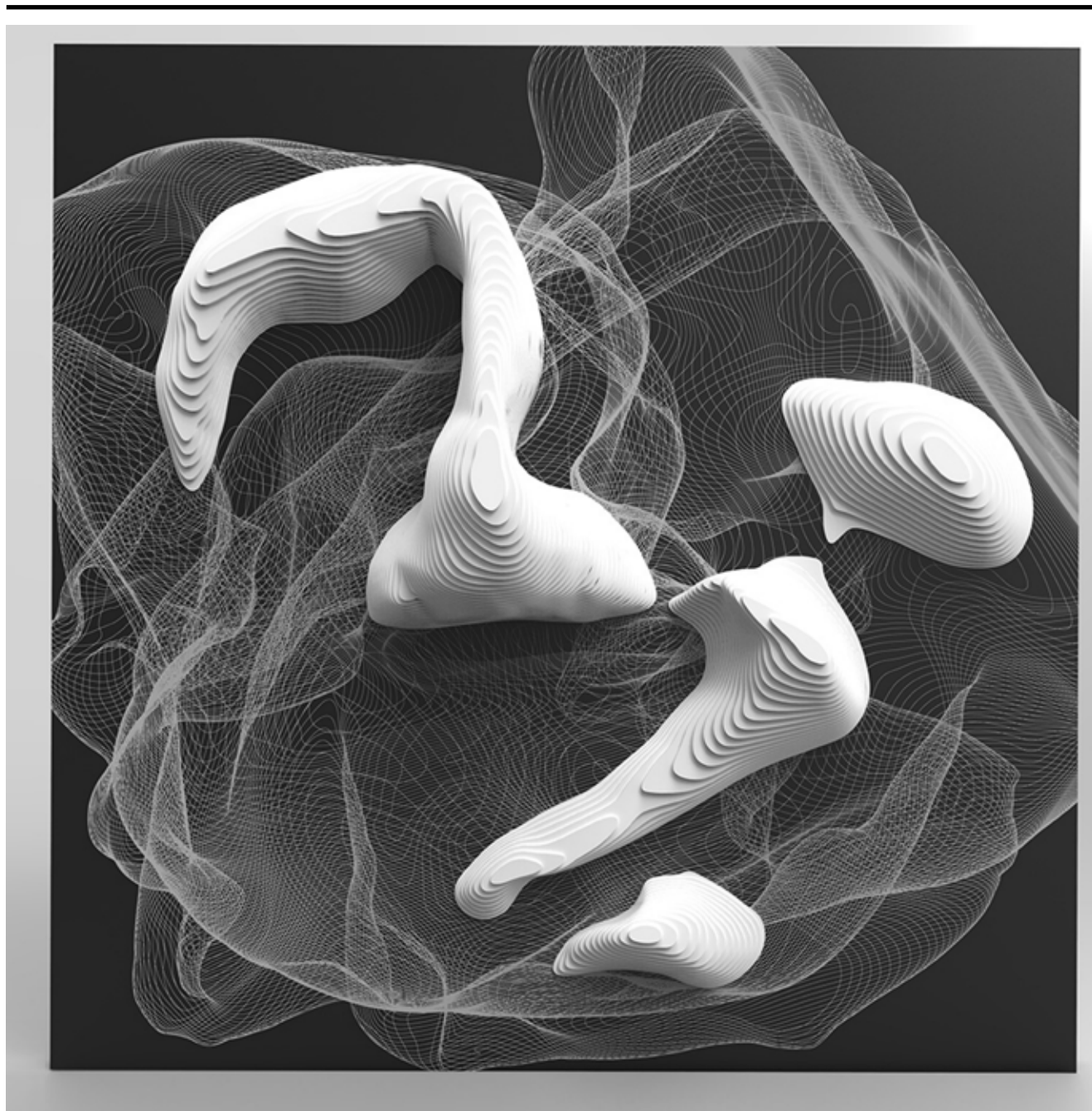
Sem título, 2014
metacrílico sobre alumínio
e impressão UV
100 × 100 cm

→
Sem título [detalhe], 2014
metacrílico sobre alumínio
e impressão UV
100 × 100 cm



Sem título, 2017
metacrílico sobre alumínio
e impressão UV
148 × 148 cm





Sem título, 2014
metacrílico sobre alumínio
e impressão UV
100 x 100 cm

“Contudo, estão lá as estruturas sinuosas que investem na expansão das formas, e a multiplicação de planos que como formações geológicas alargam seus limites e que também podem ser compreendidos como cavidades, estreitos, veias que eliminam as retas e permitem que emergjam novamente os dois arquétipos que sobrevoam sua obra: a morada e o corpo.”
Felipe Scovino, curador.



HM_07, 2016
metacrílico, alumínio
e impressão UV
180 × 120 × 30 cm



NHM_03, 2016
metacrilato
97 × 98 × 46 cm

→
vista da exposição
Giusè, 2016
Nara Roesler São Paulo
São Paulo, Brasil, 2016
foto © Everton Ballardin







←
vista da exposição
Giuse, 2016
Nara Roesler São Paulo
São Paulo, Brasil, 2016
foto © Everton Ballardin

Arquipélago, 2016
impressão FDM
60 × 60 × 72 cm



Arquipélago, 2016
impressão FDM
60 × 60 × 72 cm

prática recente

Pesquisador da tecnologia como um caminho para a ampliação do fazer manual e dos embates com a matéria, Angelo Venosa tem apresentado, em trabalhos recentes expostos a partir de 2018, em mostras como *Penumbra* (2018), no Museu Vale do Rio Doce, em Vitória, a instalação *Catilina*, inaugurada no ano seguinte no Paço Imperial do Rio de Janeiro, bem como as obras do Projeto Clareira, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) em 2021, elementos formais que parecem evocar a corporeidade dos trabalhos de 1980, diferenciando-se, contudo, pelo processo trabalho e por estabelecerem novos diálogos entre escultura e espaço.



Sem título, 2019
madeira, tecido e fibra de vidro
420 x 300 cm

→
vista da exposição
Penumbra, 2018
Museu Vale, Vila Velha, Brasil





Sem título, 2018
madeira, tecido e fibra de vidro
303 × 130 × 55 cm

→
vista da exposição
Penumbra, 2019
Nara Roesler São Paulo, Brasil







←

Sem título, 2018
madeira, tecido e fibra de vidro
350 × 160 × 82 cm
vista da exposição
Penumbra, 2018
Museu Vale, Vila Velha, Brasil

Catilina, 2019
madeira, tecido e fibra de vidro
420 × 300 cm
Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil

“[esses trabalhos] desdobram as principais características de sua prática, entrelaçando formas, materiais e procedimentos do início de sua carreira com preocupações atuais. A grande maioria dos trabalhos foi desenvolvida com madeira, tecido e fibra de vidro. A partir desses materiais, Venosa elabora formas que apontam para a tensão entre o orgânico e o abstrato. Essas peças nos remetem a fósseis, fragmentos ou corpos inteiros de criaturas desconhecidas, fazendo-nos refletir sobre as diferentes temporalidades presentes no mundo, o passado, o presente e o futuro; assim como nos oferece uma reflexão sobre morte e sobrevivência. De fato, suas figuras sempre trazem algo de familiar e de estranho, de palpável, pela sua fisicalidade, e de mistério, por não nos permitir identificar um referente exato.”
Daniela Name, curadora.

Sem título, 2021
madeira, tecido e fibra de vidro
78 × 157 × 222 cm

→
Sem título, 2021
madeira, tecido e fibra de vidro
78 × 157 × 222 cm







“Parafrazeando Walter Benjamin, ao comparar o pintor e o cinegrafista, ao mágico e ao cirurgião, diria que, em Angelo Venosa, coexistem o mágico e o paleontólogo: o que funda mundo e seres (já mortos) e o que disseca e examina sua morte (para fazê-los reviver)”. Marisa Flórido, crítica de arte e curadora.

Sem título, 2018
madeira, tecido e fibra de vidro
390 x 128 x 160 cm







←←
vista da exposição
Clareira, 2021
MAC USP, São Paulo, Brasil

←
vista da exposição
Clareira, 2021
MAC USP, São Paulo, Brasil

vista da exposição
Clareira, 2021
MAC USP, São Paulo, Brasil

“Obra singular no panorama mundial da escultura contemporânea, seu trabalho tem a capacidade paradoxal de mover-se no terreno da história, mas, sob a perspectiva da crítica e da transformação, de alternar o mundo dos sólidos com os vazios e, sobretudo, de expressar simultaneamente a intensidade das paixões e o recolhimento do silêncio.”
Ligia Canongia, curadora.

vista da exposição
Quasi, 2021
Nara Roesler
Rio de Janeiro, Brasil

→
Montagem da exposição
Angelo Venosa
Panorama, 2012
Museu de Arte Moderna
do Rio de Janeiro (MAM Rio),
Rio de Janeiro, Brasil





nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art